

# O inconsciente: trabalhador ideal

Maria Vitoria Bittencourt

Escolher como título “O inconsciente: trabalhador ideal”<sup>1</sup> para abordar nosso tema é uma forma de questionar a definição que Lacan apresenta em *Televisão*: “o inconsciente é (...) um saber que não pensa, nem calcula, nem julga, o que não o impede de trabalhar, no sonho por exemplo. Digamos que é o trabalhador ideal”. Como articular esse trabalhador ao tempo do inconsciente? Proponho assim retomar o sonho, para ilustrar o trabalho do inconsciente, tentando responder à questão da prática da interpretação, que viria introduzir uma temporalidade ao trabalho do sonho. Disso decorre outra questão: haveria necessidade de interpretar o sonho?

A referência de Lacan ao trabalhador vem de Marx, mas esse termo – trabalho – se encontra em Freud a propósito do sonho, fenômeno que lhe permitiu lançar os fundamentos dos processos do sistema inconsciente. Mesmo que tenha sido a partir do sintoma histérico que Freud concebeu a mensagem cifrada do inconsciente, foi o sonho que abriu o caminho à “via régia”. No entanto, Freud não fez do sonho um equivalente do inconsciente. Para ele, a essência do sonho se encontra justamente no trabalho do sonho – *Arbeit* – mais importante que seu conteúdo, manifesto ou latente. A partir da lei do inconsciente e seus mecanismos operatórios, se abre toda uma elaboração semântica em torno da leitura dos sonhos e de sua interpretação. O equívoco significante coloca Freud na via da articulação do que chama “moção pulsional”, o desejo inconsciente.

Quanto à interpretação, desde o início, Freud chama a atenção contra a fascinação que os mistérios do inconsciente podem gerar. Em 1912, Freud adverte que é preciso uma certa abstinência quanto ao desejo de interpretar, pois existem sonhos que vão mais rápido que a análise e que “ao tentar interpretá-los, pode-se abalar todas as resistências latentes, e não se vê mais nada”<sup>2</sup>. Existe assim um tempo para interpretar. Com efeito, Freud descobriu na prática que o sonho é uma manifestação de outra coisa, ou seja, é uma demanda de interpretação, sendo o próprio sonho um indício da transferência. Um apelo ao analista para decifrar o enigma do desejo. Pois, em relação às outras formações do inconsciente, o sonho tem esta particularidade: o sujeito acredita que ele quer dizer alguma coisa e conta seu sonho para demandar o sentido.

Foi o que Lacan constatou no *Seminário II*: “Numa análise, não

<sup>1</sup> Lacan, *Televisão* (1974/1990, p. 31).

<sup>2</sup> Freud, *O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise* (1912/1969, p. 121).

<sup>3</sup> Lacan, *O Seminário*, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-55/1975, p. 194).

intervimos unicamente na medida em que interpretamos o sonho do sujeito – se é que o interpretamos – mas como já estamos, a título de analista, na vida do sujeito, já estamos em seu sonho”<sup>3</sup>. Então, o sonho é um produto do trabalho analítico, produto do trabalho da transferência, do encontro do desejo do analista com a demanda do analisando. “Ninguém pode ser morto *in absentia*”, nos diz Freud a propósito da transferência. Poderíamos acrescentar nada pode ser sonhado *in absentia*. Logo, o inconsciente do sujeito em análise é um inconsciente que trabalha – *arbeiter* – cujo sujeito suposto saber é o pivô em torno do qual se articula a transferência – um outro trabalho.

Assim, duas operações se encontram no sonho: o trabalho do sonho e o relato do sonho. De um lado, o relato não é o sonho, já é uma interpretação do desejo, uma colocação ao trabalho do inconsciente em busca do saber. Desta maneira, Lacan vai inverter os papéis: aquele que interpreta é o sonhador, pois o sonho é, ele mesmo, uma interpretação. O sonho pode se reduzir a uma frase que o inconsciente reveste com a ajuda da encenação. Assim, como diz Lacan, “Através do sonho, vem ao inconsciente somente o sentido incoerente que fabula, para revestir o que articula em termos de frase... o que vem já é uma interpretação que podemos dizer selvagem e que a interpretação argumentada que lhe é substituída só vale, pois faz surgir a falha que a frase denota”<sup>4</sup>. Desta maneira, ficam estabelecidos dois tempos para a interpretação. O sonho não é o inconsciente, ele pode se reduzir a uma frase cortada, um pensamento deformado, tomado ao pé da letra, ao qual a interpretação vem restituir a ordem, para fazer emergir o sujeito.

De outro lado, produzir um sonho implica a presença do analista. Logo, o relato do sonho é uma colocação ao trabalho do inconsciente que se realiza a partir da implicação da presença do analista, uma colocação em ato da realidade sexual, como Lacan definiu a transferência. A função do sonho é fazer falar o sujeito, colocar o inconsciente no trabalho para contar ao analista.

Mas existe uma outra face do trabalho do sonho. Se ele é uma mensagem que visa ser interpretada, pois é uma demanda de interpretação, ele tem como função também preservar o sono. Assim, o sonho serve para contar ao analista e assim continuar a dormir

<sup>4</sup> Lacan, *Compte rendu du Séminaire L'éthique de la psychanalyse* (1984, p. 17).

tranquilamente, sem tocar no real, em outros termos, para gozar da transferência. Como diz Lacan, “passamos o tempo a sonhar, não se sonha somente quando se dorme”<sup>5</sup>.

Assim, para Freud, o trabalho do sonho testemunha uma atividade de ciframento e de elaboração que é destinada a evitar um encontro entre o pensamento do sonho e a pulsão. O sujeito sonha para não despertar o desejo inconsciente. Nos anos 20, Freud indicou uma ligação entre o sonho e a pulsão:

[...] o eu adormecido, contudo, está focalizado no desejo de manter o sono; ele sente essa exigência pulsional como uma perturbação e procura livrar-se dela. O eu consegue realizar isso através do que parece um ato de submissão: ele satisfaz a exigência, com uma realização inofensiva de um desejo e assim livra-se dele<sup>6</sup>.

Portanto, se seguirmos essa lógica, o trabalhador ideal pode passar seu tempo todo a sonhar. Mas o que pode despertá-lo? Segundo Lacan, só a angústia vem romper o “sono do sujeito quando o sonho desemboca no real do desejado”<sup>7</sup>. (Podemos encontrar em Lacan outras referências a propósito da emergência de um real no sonho.) Num comentário do sonho do filho morto – ‘*Pai, não vê, estou queimando*’ – Lacan constata que o que vem despertar é uma “outra realidade”, aquela do “real pulsional”<sup>8</sup>. O real nesse sonho surge do encontro impossível entre um pai e um filho, um encontro faltoso que marca a impotência do simbólico a inscrever o impossível. O despertar para a realidade é a fuga de um outro despertar para o real, aquele que se anuncia no sonho quando o sujeito se aproxima daquilo que não quer saber.

Nos anos 70, Lacan retoma um texto de 1925, de Freud, sobre os sonhos, onde, tratando dos limites da interpretação, Freud afirma que o trabalho do sonho visa a um ganho imediato de prazer, com a intenção utilitária de preservar o sono. “O sonho pode ser descrito como uma fantasia a trabalhar em prol da manutenção do sono”<sup>9</sup>. Lacan acrescenta que o motor do sonho, enquanto desejo de dormir, se traduz por aquilo que constitui o essencial do trabalho do sonho: é um ciframento que contém nele mesmo um gozo, uma satisfação do sonhador nesse trabalho<sup>10</sup>. Assim, o trabalhador ideal teria como mestre o gozo: “o que pensa, calcula e julga é o gozo”,

<sup>5</sup> Lacan, *Une pratique du bavardage* (1979, p. 5).

<sup>6</sup> Freud, *Esboço de psicanálise* (1938/1969, p. 196).

<sup>7</sup> *Compte rendu du Séminaire L'éthique de la psychanalyse*, op.cit.

<sup>8</sup> Lacan, *O Seminário*, livro II: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964/1988, p. 61).

<sup>9</sup> Freud, *Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo* (1925/1969, p. 159).

<sup>10</sup> Lacan, *Séminaire Les non dupes errent* (leçon du 20 Novembre 1973).

**11** Lacan, ...Ou pire (s.d., p. 9).

**12** Trata-se de um jogo de palavras em francês – *régisseur* x *réjouisseur*.

**13** *Compte rendu du Séminaire L'éthique de la psychanalyse, op. cit.*

diz Lacan em *Ou pior*<sup>11</sup>. O sonho teria, assim como finalidade, uma tentativa de dar sentido ao não-sentido da relação sexual, em que o inconsciente trabalha sem mestre. Já o sujeito do gozo, que pensa, calcula e julga, estaria no lugar do regente (*régisseur*)<sup>12</sup> ou melhor regozijador (*réjouisseur*). Assim, o limite da interpretação poderia se situar nessa satisfação que o sonho contém, o gozo do sentido.

Se o real pulsional surge no sonho, qual o estatuto de sua interpretação? Em vez de interpretar o sonho, não seria preciso pensar em despertar o sujeito? Pois o desejo do sonho não é senão aquele de buscar o sentido, e é isso que satisfaz a interpretação psicanalítica. Mas, será a via para um verdadeiro despertar para o sujeito?<sup>13</sup> Trata-se, então, de pensar a interpretação segundo o modelo do pesadelo? Como conceber um verdadeiro despertar?

Se retomarmos o sonho de Freud, conhecido como o sonho da injeção de Irma, o único que Freud considera como tendo sido completamente analisado, podemos lembrar que o sonhador não desperta do pesadelo – “é um duro na queda”, diz Lacan. No momento em que Freud olha a garganta de Irma, uma espécie de objeto inominável, ele se retira do sonho e apela para outros personagens que tomam seu lugar. Nesse momento, surge uma voz, uma voz de ninguém, e aparece a fórmula da trimetilamina, fórmula química de uma substância dos metabolismos sexuais, que lhe foi comunicada por Fliess. O sonho se conclui assim com esse termo que não quer dizer nada, mas que surge enquanto matéria visual. Lacan acentua que, diante do encontro com o real da castração do Outro, Freud atravessou esse momento de angústia porque estava tomado por uma paixão de saber, que é mais forte que seu desejo de dormir. Assim, ele tem acesso à revelação do que é o inconsciente, sua invenção. Freud continua a dormir tranquilamente, fantasiando que um dia teria uma placa onde se poderia ler: “nesta casa, no dia 24 de julho de 1895, o mistério do sonho foi revelado ao Dr. Sigmund Freud”. Podemos considerar este sonho como uma saída da transferência de Freud a Fliess, o verdadeiro despertar de Freud, se desembaraçando daquele que ocupava o lugar do sujeito suposto saber.

Poderíamos propor que nesse sonho de Freud, o “isso fala” do significante, que constitui o relato do sonho na sua finalidade de

fazer sentido – sentido sexual – vem recobrir o “isso mostra” do objeto, o não sentido da relação sexual. Mostrar se distingue de fazer sentido, pois equivale a colocar em cena um gozo articulado às cenas infantis traumáticas, criadoras e fundamentos de todos os sonhos segundo Freud. Fundamento fantasmático. Assim, o sonho converte o sentido sexual numa fórmula, em letras, uma cifra que contém nela mesma um gozo: um “isso se escreve” vem concluir o “isso fala” e o “isso mostra” do sonho.

Nesse sentido, a interpretação vem desvelar que o modo de falar – o relato do sonho – vem recobrir o modo de gozar – o trabalho de ciframento do sonho. Para isso, Lacan nos dá uma indicação quanto à interpretação: “ler os sonhos... como se decifra uma mensagem cifrada”. Ler supõe uma escritura, colocando em jogo a atividade da letra, permitindo o que Lacan designou como a lisibilidade do sentido sexual que se encontra a partir do não sentido da relação sexual que o sonho tenta imaginarizar. A dimensão da escritura sendo mais propícia a tocar no real da experiência, o “*motérialisme*” – equívoco que Lacan criou para indicar o materialismo da alíngua.

Assim, interpretar o sonho, no sentido freudiano de via régia, de mensagem, seria alimentar o inconsciente e tornar a análise um processo de tempo interminável. Sendo um exercício de letras e não de sentido, o sonho não tem vocação de comunicar, mas de promover um trabalho do inconsciente que não visa à significação, mas produzir o efeito de real. Assim, o tempo de dormir, de sonhar, requer uma interpretação justa para esgotar o apelo ao sentido, ao gozo do sentido. O sonho não basta ao despertar, ele não está desligado do sentido que o sustenta. Ele necessita a presença do analista, presença em ato, reveladora da estrutura do desejo. Que o despertar ao real seja impossível, não impede de tomá-lo como finalidade. Será o despertar a via régia para o final de uma análise?

A partir da experiência no cartel do passe, pude observar que um sonho, considerado muitas vezes como fundamental, ocupa um lugar privilegiado no testemunho dos passantes. Sonhos ligados às experiências infantis, cujo surgimento no início da análise toma uma outra dimensão no testemunho do passe. Proponho, como hipótese, que esses sonhos são evocações de cenas infantis, uma reconstrução da neurose infantil, que viria confirmar a tese de La-

can, segundo a qual o sonho ressalta “a maneira como alíngua foi falada e também escutada em sua particularidade”. O sonho teria a faculdade de transmitir essa marca do tempo infantil da primeira experiência com a realidade sexual.

Mas essa leitura que o passante faz de seu sonho se efetua fora da transferência, trata-se de uma interpretação da saída da transferência, interpretação do sujeito do final de sua análise. Poderíamos deduzir que a interpretação do sonho só é completa quando desembaraçada da presença do analista? Se a interpretação do analisando nunca é independente da presença do analista, só há interpretação fora da transferência, fora do sujeito suposto saber. Assim, essa interpretação viria confirmar uma tese de Freud de que um sonho pode englobar toda uma análise, pois equivaleria a todo o conteúdo da neurose, e que “a interpretação total de tal sonho coincide com a conclusão da análise”. Afirmção bem surpreendente de Freud. Será que poderíamos verificar essa tese na experiência do cartel do passe? Isso nos levaria a introduzir um novo trabalho, trabalho de escola. Para isso é preciso tempo.

## Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1912). *O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XII).
- FREUD, S. (1925). *Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XIX).
- FREUD, S. (1938). *Esboço de psicanálise*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969 (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XXIII).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-55)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1975.
- LACAN, J. Séminaire Les non dupes errent, leçon du 20 novembre 1973, Inédit.

- LACAN, J. (1974). *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 31.
- LACAN, J. *Une pratique du bavardage* (Leçon du 15 novembre 1977 – Séminaire Le moment de conclure). In: *Ornicar*, 19, Paris: Navarin Editeur, 1979.
- LACAN, J. Compte rendu du Séminaire L'éthique de la psychanalyse. In: *Ornicar*, 28, Paris: Navarin Editeur, 1984.
- LACAN, J. Conférence à Genève sur le symptôme. In: *Le Bloc Notes de la psychanalyse* n. 5, Genève, 1985.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LACAN, J. ...Ou pire. In: *Scilicet*, 4, Paris: Seuil, s.d.

## Resumo

Trata-se de um texto sobre o que Freud considerou como a via régia do inconsciente – o sonho – com a finalidade de questionar a prática da interpretação. Retomando uma afirmação de Jacques Lacan sobre o sonho como trabalhador ideal em *Televisão* (1974), levantamos a hipótese de que existem limites da interpretação do sentido do sonho. Para isso, retornamos aos textos de Freud sobre o trabalho do sonho, que introduz a dimensão do gozo, que se revela no desejo de dormir. Um sonho de Freud – sonho de injeção de Irma – vem ilustrar essa vertente de gozo do sonho em que a interpretação se reduz a uma fórmula escrita. Assim, o sonho deixa de ser considerado como mensagem do inconsciente, passando a traduzir um modo de gozo. Isso promove a dimensão da letra para que a interpretação possa tocar no real da experiência do inconsciente.

## **Palavras-chave**

Inconsciente, sonho, interpretação, Lacan,  
Freud, gozo, real.

## **Abstract**

In this paper about what Freud considered as the royal way to the unconscious, – the dream – we want to question the practice of interpretation. Retaking Lacan's affirmation about the dream as an ideal worker in Television (1974), we make an hypothesis of the limits of the interpretation of the sense of the dream. We return to Freud's papers about the work of the dream where he introduces the dimension of jouissance which is present in the desire of sleep. One dream of Freud can illustrate this dimension of dream's jouissance where the interpretation is reduced to a written formula. The dream is no more considered as a message of the unconscious, but a translation of a way of jouissance. This point can promote the dimension of the letter as a form of interpretation that touch the real of the unconscious's experience.

## **Keywords**

Unconscious, dream, interpretation, Lacan, Freud, jouissance, real.

## **Recebido**

08/05/2009

## **Aprovado**

27/07/2009